

ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL E QUESTÃO INDÍGENA: OS KAINGANG E A FORMAÇÃO HISTÓRICA DO MUNICÍPIO DE BAURU E REGIÃO

Taís Cristina Melero¹; Taynara Zulato Rosa²

¹Universidade do Sagrado Coração. Rua Irmã Armanda 10-50, Jardim Brasil. 17011-160 Bauru/SP.
tais.cristina@hotmail.com

²Universidade do Sagrado Coração. Rua Irmã Armanda 10-50, Jardim Brasil. 17011-160 Bauru/SP.
taynara97zulato@hotmail.com

RESUMO

Durante parte do século XIX e início do XX, residiu no entorno de Bauru a etnia Kaingang, sendo dispersada com o advento da ferrovia. Assim, a formação histórica do município de Bauru está intimamente ligada à presença de povos indígenas. Portanto, este projeto de Iniciação à Docência tem como intuito despertar o debate e a reflexão sobre a história local, bem como fomentar a valorização patrimonial e a consciência histórica dos discentes. Através de uma abordagem historiográfica local e regional, tem como objetos de análise fontes impressas, destacando-se periódicos bauruenses e fotografias das primeiras décadas do século XX, além de elementos da cultura material indígena.

Palavras-chave: História Local. Fontes históricas. Povos indígenas. Kaingang.

INTRODUÇÃO

O ensino de história local na Educação Básica permite que a história se relacione com a formação identitária e social dos educandos, possibilitando que estes identifiquem a historicidade e os processos políticos e culturais da localidade na qual estão inseridos, bem como compreendam seu papel enquanto agentes ativos na sociedade.

Ademais, a história local é fundamental na construção de uma consciência histórica que se define como a “suma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo” (RUSEN, 2001, p. 57).

Assim sendo, o professor de História tem função de destaque na orientação da edificação do conhecimento histórico. Luiz Carlos Villalta argumenta que o professor, além de transmitir conteúdos, deve ser capaz de produzi-los (VILLALTA, 1993, p. 223). O ideal do professor pesquisador encontra na história local um sustentáculo que baseia seus métodos e práticas em sala de aula.

A história local é uma modalidade de pesquisa que se configura como “aquela que desenvolve análises de pequenos e médios municípios, ou áreas limitadas e não muito extensas” (HORN, 2006, p. 118). Dessa maneira, esta abordagem historiográfica de cunho regional, perpassa os limites municipais e integra-se à história geral e ao nacional, formando um todo complexo e múltiplo.

Nogueira e Silva (2010) pontuam que a história local é de suma importância no ensino de história, uma vez que analisa especificidades regionais e sociais, enquanto a história geral

[...] usa uma noção de tempo uniforme, a local e a regional buscam apreender o tempo realmente vivido por cada localidade, em que as experiências são diferentes durante um mesmo contexto histórico [...]. A noção de espaço local ou regional é flexível e varia de acordo com o curso da história. A importância da história local e regional está na história elaborada com base nas realidades particulares dos locais, trabalhando com a diferença, com a multiplicidade, apresentando o que há de concreto na dinâmica social e no cotidiano das pessoas que viveram longe dos grandes centros (NOGUEIRA; SILVA, 2010, p. 05).

O professor pesquisador deve potencializar práticas de ensino-aprendizagem que proporcionem a autonomia discente e transcendam a sala de aula, usando os espaços geográficos da cidade e as fontes históricas – escritas e materiais – como objetos e ferramentas de construção de conhecimentos. Logo,

É no local, conhecendo pessoalmente casas, ruas, obras de arte, campos cultivados, aglomerações urbanas, conversando com os moradores das cidades ou do campo, que os alunos se sensibilizam para as fontes de pesquisa histórica, isto é, para os materiais sobre os quais os especialistas se debruçam na interpretação de como seria a vida em outros tempos, como se dão as relações entre os homens na sociedade de hoje, como o passado permanece no presente ou como são organizados os espaços urbanos ou rurais (BRASIL/MEC/SEF, 1998, p. 94).

Neste panorama, a questão indígena vinculada à história local e regional torna-se essencial para que os estudantes compreendam rupturas e permanências no processo histórico-social no qual as cidades foram constituídas e as ocupações em territórios indígenas. Além do mais, esta temática promove a valorização das memórias e culturas indígenas, parte integrante da identidade social dos municípios e de suas populações.

A região do Oeste Paulista, sobretudo no que se refere ao entorno do atual município de Bauru, entre o final do século XIX e início do XX, era povoada pelos indígenas da etnia Guarani e Kaingang. Povos nômades originários do Sul do Brasil, os Kaingang mostraram-se resistentes à ocupação de suas terras pelos primeiros povoadores em meados do século XIX.

No decorrer do século XX, como aponta Pinheiro (1992)

O café necessitava de tecnologia, terras e mão de obra. Mas não era apenas isso, ele necessitava também de formas legais e legítimas que justificassem a expulsão dos pequenos posseiros, a instalação dos latifúndios e o massacre dos índios. No fim do século XIX e início do XX, o Governo promoveu a imigração, localizou e procurou controlar a população cabocla e os indígenas dispersos e estimulou a implantação de ferrovias (PINHEIRO, 1992, p. 39).

Desse modo, a história de Bauru está intimamente relacionada ao fenômeno da ferrovia, do estabelecimento de posseiros em terras indígenas e pelo processo de expulsão e dizimação Kaingang. Portanto, este projeto objetiva, a partir do uso de fontes históricas, como fotografias e periódicos bauruenses do início do século XX, compreender a presença indígena na formação de Bauru, identificando a importância da etnia Kaingang no processo histórico

de construção identitária sócio regional, além de reconhecer a diversidade cultural indígena da região.

METODOLOGIA

Através de uma abordagem historiográfica local e regional que, segundo Silva (2004), amplia o universo de análise, “[...] uma vez que ela aproxima o historiador do seu objeto de estudo” (SILVA, 2004, p. 02), incorporando elementos regionais e, conseqüentemente, municipais à narrativa histórica, serão desenvolvidas metodologias ativas que possibilitem o protagonismo e autonomia discentes. Para tanto, haverá dinâmicas de socialização inicial, questionários prévios sobre história e povos indígenas locais, leituras dirigidas em grupo, análise e interpretação de fontes históricas.

Assim, os alunos, agentes ativos no processo de ensino-aprendizagem, irão participar de oficinas, pesquisar e analisar fontes históricas de natureza escrita e material, bem como produzir histórias em quadrinhos, textos e artesanatos para exteriorizarem e apropriarem conhecimentos sobre os povos indígenas locais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com a aplicação do projeto de Iniciação à Docência até o presente momento, constatou-se, a partir das atividades realizadas, o desconhecimento dos alunos em relação à terminologia das palavras “índio” e “indígena”, o surgimento da cidade de Bauru e a presença dos Kaingang na história local, assim como o significado, semelhanças e diferenças entre fontes históricas, patrimônio material e imaterial.

Portanto, evidenciou-se a necessidade de aplicar atividades voltadas às temáticas, através da análise de fontes impressas, fotografias, artefatos indígenas e palestra com especialista da área, buscando fomentar a construção identitária do aluno, além de sua formação social e cultural, voltadas à valorização patrimonial e ao estreitamento de vínculos com a história local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entende-se ser de suma importância levantar reflexões e diálogos acerca das questões indígenas locais e regionais, uma vez que estas conduzem o discente a pensar sobre o seu papel social em âmbito municipal, estadual e nacional, podendo este ser possuidor no que se refere à memória e cultura indígena, tal como identificar pela perspectiva crítica as contradições, rupturas e permanências ideológicas, políticas e sociais. Desse modo, este projeto busca promover aos alunos discussões referentes à questão indígena e suas correspondências com a história do município de Bauru nas primeiras décadas do século XX.

REFERÊNCIAS

BRASIL. MEC/SEF. **Parâmetros Curriculares Nacionais de História**. Brasília, DF, 1998.

HORN, G. B. **O ensino de história e seu currículo: teoria e método**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

NOGUEIRA, N. A. S.; SILVA, L. N. Os desafios para a construção de uma história local – o caso de Leopoldina, Zona da Mata de Minas Gerais. **Revista Polyphonia**, [S.l.], v. 21, n. 1, p. 242, nov. 2011. ISSN 2238-8850. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/sv/article/view/16310>. Acesso em: 22 nov. 2018.

PINHEIRO, Niminon Suzel. Os nômades: etnohistória Kaingang e seus contextos: São Paulo 1850 a 1912. 1992. **Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 1992.**

RUSEN, J. **Razão histórica: os fundamentos da ciência da história**. Trad. Estevão de Rezende Martins. Editora Universidade de Brasília, 2001.

SILVA, L. C. B. A importância da História regional e local no Ensino Fundamental. **ANAIS do III Encontro Estadual de História: Poder, Cultura e Diversidade – ST 04: História e Educação: sujeitos, saberes e práticas**. Disponível em: http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh_III/luis_carlos.pdf. Acesso em: 22 nov. 2018.

VILLALTA, L. C. Dilemas da relação teoria e prática na formação do professor de História: alternativas em perspectiva. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 13, n. 25/26. 1993. p. 223-232.